

O desenho como dispositivo de relação entre sujeito e mundo.

OLIVEIRA, Paula Renata Penteado¹; MONSELL, Alice Jean²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – paulaa-oliveira@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – alicemondomestico@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O desenho será discutido neste trabalho a partir do processo da observação e ação do sujeito no mundo, sob o ponto de vista da construção e desconstrução do olhar. Esses levantamentos surgem a partir do projeto de ensino "Atos de Fazer, Observar, Caminhar, Visitar, Ler e Expor o Desenho" atrelado à disciplina de fundamentos do desenho I, oferecida no primeiro semestre de 2015, nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPEL, na qual atuo como bolsista de iniciação ao ensino – monitoria.

Durante esse período, acompanhamos de que forma o hábito de desenhar pode aparecer como dispositivo ativador do olhar para o mundo, divergindo sujeito passante de sujeito observador.

Partimos então de um sujeito que passa pelo território ao qual está, caminhando sem olhar o que tem em volta, sem olhar para si ou para o outro, sem conseguir experienciar o ambiente e seus trajetos, pois tem como a finalidade a chegada, e não a caminhada, ou seja, o processo.

Sujeito passante é um termo aqui, utilizado como essa pessoa que vivencia, mas não experiencia as coisas, que caminha não observando o que os cerca, embora veja, não enxerga, pois não se coloca neste estado de disponibilidade de compreensão do espaço.

A grande parte dos alunos com os quais trabalhamos são ingressantes dos cursos, portanto, vinculados ao primeiro semestre, que vinham com uma visão de sujeitos passantes, desenhando o que sabiam e não o que viam, entendendo o desenho muitas vezes como apenas técnica.

Por possibilitar um espaço fora de sala de aula para se trabalhar e discutir o desenho, este projeto acabou atuando também como forma de aproximar desenho, sujeito e mundo – sendo um espaço a mais de contato do aluno com a matéria.

Com base nessas reflexões surge à problemática que permeia essa investigação: O desenho pode aparecer como dispositivo de observação e desconstrução do mundo?

Para discutir a relação entre mundo e sujeito, trago neste texto o conceito de experiência do sujeito advindo de DEWEY (1983), pensando a ação como fonte de reflexão, dando sentido a experiência. Também, conversarei com SALLES (2007) e WOLLNER (2007) para abordar as ligações entre desenho e espaço, além da construção do olhar, no qual a primeira discute o processo de criação do desenho, e o segundo aborda o contato com o desenho de observação.

2. METODOLOGIA

Ao recebermos alunos com formações distintas, pensamos de que forma trabalhar o desenho de um modo que este fizesse sentido dentro da formação e da construção desses sujeitos não só como alunos, mas como pessoas.

Tentamos proporcionar o que DEWEY (1998) vai chamar de *uma experiência*, ou *experiência singular*, ao trazer a reflexão junto com a experiência, buscando dar sentido e estabelecer relações com outras experiências já vivenciadas. Segundo DEWEY (1998):

Em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo. À medida que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção em si. (DEWEY. 1998, p.111)

Neste sentido, percebemos a dificuldade dos alunos em enxergar o mundo que os cerca, sendo necessária uma desconstrução, tanto no âmbito de estereótipos figurativos, comuns no desenho, como em estabelecer relações dentro da lógica do processo e no evidenciar a diferença entre o saber e o observar.

Trago como exemplo o exercício de observar uma cadeira e desenhá-la. Uma cadeira possui quatro pés, eu sei que ela é assim, porém dependendo do ponto de vista da onde eu olho para a cadeira, só consigo ver três pés, neste momento saber e observar são coisas divergentes.

WOLLNER (2007) nos contribuí nesse sentido ao problematizar esse estado de cegueira pelo qual passamos cotidianamente, ao não sermos atentos ao que nos cerca, trazendo o desenho como uma possibilidade de ir na contramão disso.

Desenhar, portanto, antes de ser uma capacidade de expressão, é um ato de consciência”, de entender o que se enxerga, e de que forma se dão às relações que estão sendo estabelecidas.” (WOLLNER, 200, p.50)

Essa consciência do que se vê é o que vai divergir entre um sujeito passante e um sujeito observador, pois essa pessoa não só usa o caminho como forma de chegada, mas como processo no qual a observação é potência criativa.

Por isso, é através da análise processual dos alunos que frequentaram o projeto, que se torna possível investigar o quanto a intimidade com o desenho, junto com a possibilidade dessa experiência, está atrelada à observação consciente deste aluno no mundo.

Dentro da lógica de processo, o primeiro pedido feito aos alunos foi a criação ou aquisição de um bloquinho de papel, cujo tamanho coubesse no bolso, podendo ser facilmente carregado consigo pelos lugares.

Esse bloco, deveria ser um espaço de registro do entorno, podendo ter além do desenho, escritas colagens, ou qualquer outra forma de registrar o que lhes chamasse atenção.

Por seu tamanho ser pequeno, tornava o ato de desenhar, algo intimista, numa relação mais rápida e mais expressiva de construção ou captura do momento e experiência do lugar, além do próprio ato de desenhar.

Muitas vezes, essas anotações serviam como primeiro rascunho para identificar e perceber para onde as linhas do espaço convergiam, dando maior liberdade de construir relações gráficas entre a experiência vivida do meio circundante (já que não se tinha o bloqueio relativo ao bonito ou feio, por ser visto como rascunho).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi nesse processo que conseguimos auxiliar de forma conjunta com a aula, a dificuldade de alguns alunos em relação ao desenho, por achar que não sabia desenhar, enquanto na verdade, eles “sabiam” o que estava em sua volta (enquanto ideia do mundo), mas não haviam vivido uma experiência de enxergar o que estava em sua volta (o mundo percebido).

Outro ponto importante de trazermos para este texto é a relação de troca que este espaço acabou se tornando.

Notamos que um ambiente fora de sala de aula permitia aos alunos se sentirem mais a vontade para experimentar, técnicas e materiais, além de que o desenho começou a se fazer presente na vida desses sujeitos como prática habitual em seu cotidiano.

Eram alunos, que através da troca enxergavam outras formas de criar as representações do espaço observado, pois viam seus problemas no desenho do outro, ou seja, o outro servia como fonte para reflexão sobre o próprio trabalho, sobre o próprio ponto de vista e modo de construção das conexões.

A prática de desenhar está atrelada a uma experiência com esse fazer, se tornando assim, agente determinante num processo de construção e desconstrução do olhar, pensando neste como uma forma de reflexão visual e uma organização de ideias e de relações articuladas junto com a experiência.

Segundo SALLES (2007 p.35) o desenho “Não é um mapa do que foi encontrado, mas um mapa confeccionado para encontrar algumas coisas. E os encontros, normalmente, acontecem em meio a buscas intensas”.

O ato de desenhar observando é se colocar nessa busca por trazer visível o que outrora não era; é enxergar essa ação como um recorte que evidenciam e criam relações do que é desenhado com seu local pertencente no mundo.

Ao me colocar no ponto de vista deles, muitas das vezes, também me permitia observar coisas que me passavam despercebidas, que eram diferentes do modo como eles viam, dentro da observação do real, estava atrelada a minha forma de relação com o espaço. Os alunos passaram a ser responsáveis por articular a minha desconstrução do olhar durante minha experiência de iniciação ao ensino e monitoria.

4. CONCLUSÕES

Entende-se então, que o desenho pode ser um ato de processo, permitindo que haja um desenvolvimento da observação, criando assim, uma consciência em torno do próprio desenhar, do local ao qual se habita e das relações em que esse aluno estabelece.

Ao utilizar o desenho como este dispositivo, percebe-se que a prática de desenhar possibilita outro contato com o mundo, capaz de se colocar no ambiente como um sujeito de relações, conseguindo não só uma melhor sensação de espacialidade no desenho, mas sim perceber uma lógica de ligação entre as coisas. Desenhar pode ser esse ato de perceber as relações do mundo.

Já dentro da educação, considero que trabalhar como articuladora desse projeto me coloca numa relação de ensino mais próxima dos alunos, até mesmo pela faixa etária, fazendo com que através das trocas de olhares, cada um fosse responsável por desconstruir, ou instigar o olhar do outro.

Os encontros foram fontes de experiências fantásticas, ativando diversos pensamentos, utilizando o desenho como ponte para desenvolvimento não só do olhar, mas da forma como nós nos colocamos em relação ao local que estamos.

Porém, entende-se que ser sujeito observador, é um estado de exercício constante a ser realizado, fazendo parte um processo de desconstrução de como enxergamos, porque precisa da experiência para reflexão do outro, de si e do entorno.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEWEY, John. Arte como experiência. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1983

SALLES, Cecilia Almeida. Desenho da criação. In: DERDYK, Edith (Org.) **Disegno. Desenho. Desígnio.** São Paulo: SENAC, 2007.p. 33 – 44.

WOLLNER, Alexandre. Um episódio de desenho. In: DERDYK, Edith (Org.) **Disegno. Desenho. Desígnio.** São Paulo: SENAC, 2007.p. 45 – 50.